

## 4 FRAGMENTOS DE FRIEDRICH HÖLDERLIN SOBRE A OBRA HOMÉRICA<sup>180</sup>

Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia\*

### Nota sobre Homero

Nas cartas sobre Homero, em primeiro lugar, caracteres, em seguida, situações, e então a ação, que, na parcela do caráter, existe em função do caráter e do caráter principal, donde que do câmbio dos tons [...]

### Bemerkung über Homer

In den Briefen über Homer erst Charaktere, dann Situationen, dann die Handlung, die im Charakterstück um des Charakters und des Hauptcharakters willen da ist, da von dem Wechsel der Töne [...]

### Sobre Aquiles (1)

Me alegra que tu tenhas falado de Aquiles. Ele é o meu favorito dentre os heróis, tão forte e tão sensível, a flor mais ditosa e mais efêmera do mundo dos heróis, “nascido para tão curto tempo”, como diz Homero, precisamente porquanto tão belo. Chego a

---

<sup>180</sup> HÖLDERLIN, Friedrich. **Sämtliche Werke: Grosse Stuttgarter Ausgabe (Band 4.1)**. Hrsg. von F. Beissner. Stuttgart: V. Kohlhammer Verlag, 1961, S. 223-227. Trata-se da tradução em formato bilíngue de quatro fragmentos do poeta e pensador alemão Friedrich Hölderlin, datados de 1799 (*Nota sobre Homero, Sobre Aquiles [1], Sobre Aquiles [2] e Uma palavra sobre a Ilíada*). O que os interliga é a meditação acerca da obra homérica. Embora curtos, os fragmentos são de suma importância, sobretudo em função do interlúdio estético-filosófico entre o mundo grego arcaico e o espírito romântico. A estrutura fragmentária traz consigo certa dispersão, cuja unidade reside na comunhão do tema e do conteúdo, únicos no corpus holderliniano. O cerne em questão é o desdobramento da noção de “caráter” (*Karakter*), cujo sentido remonta à delimitação constituinte do homem, do mortal; tópico central na Antiguidade, assim como no período do Primeiro Romantismo Alemão.

\* Doutorando em Filosofia pela UFRJ. Bolsista CNPq. Mestre em filosofia pela UFPB. E-mail: felgorreia@hotmail.com.

pensar de bom grado que o antigo poeta justamente por isso deixa-o aparecer tão pouco na ação, e, enquanto seu herói se encontra sentado na tenda, entrega os outros ao alarido, a fim de que aquele, em meio ao rebuliço diante de Tróia, seja profanado o mínimo possível. De Ulisses ele podia descrever coisas bastantes. Esse é um saco cheio de moedas, onde longamente se tem com o que contar, mas com o ouro muito rapidamente se acaba.

## Über Achill (1)

Mich freut es, daß du von Achill sprachst. Er ist mein Liebling unter den Helden, so stark und zart, die gelungenste, und vergänglichste Blüthe der Heroenwelt, »so für kurze Zeit geboren« nach Homer, eben weil er so schön ist. Ich möchte auch fast denken, der alte Poet lass' ihn nur darum so wenig in Handlung erscheinen, und lasse die andern lärmern, indeß sein Held im Zelte sitzt, um ihn so wenig, wie möglich unter dem Getümmel vor Troja zu profaniren. Von Ulyß konnte er Sachen genug beschreiben. Dieser ist ein Sak voll Scheidemünze, wo man lange zu zählen hat, mit dem Gold ist man viel bälder fertig.

## Sobre Aquiles (2)

Mas amo e admiro o poeta de todos os poetas sobretudo em função de seu Aquiles. É único o amor e o espírito com os quais ele perscrutou, conservou e elevou esse caráter. Tome-se os velhos senhores Agamémnon, Ulisses e Nestor com sua sabedoria e tolice, tome-se o ruidoso Diomedes, o cegamente furioso Ajax, e deponha-os contra o genial, onipotente, afetuoso e melancólico filho dos deuses, Aquiles, contra essa *enfant gâté*<sup>181</sup> da natureza; e como o poeta o dispôs, o jovem repleto de força leonina, espírito e graça, em meio à antiga sabedoria e à crueza, e acharás um prodígio da arte no caráter de Aquiles. No mais belo contraste encontra-se o jovem em relação a Heitor, ao nobre, leal e pio esposo, que é herói na plenitude do dever e na fina

---

<sup>181</sup> Do francês, “criança mimada”.

consciência; ao passo que o outro tudo é a partir da rica e bela natureza. Eles estão assim contrapostos como se estivessem aparentados, e, justamente nessa medida, torna-se tanto mais trágico quando Aquiles, por fim, entra em cena como inimigo mortal de Heitor. O amigável Pátroclo se junta amavelmente a Aquiles e se lança com justeza ao desafiante.

Também se vê com clareza o modo elevado com que Homero considerou o herói em seu coração. Com frequência admirou-se o porquê de Homero, que quer justamente cantar a ira de Aquiles, quase não o deixa aparecer. Ele não queria profanar o jovem dos deuses no rebuliço diante de Tróia.

O idealizado não podia aparecer na trivialidade do dia a dia. E ele realmente não podia cantá-lo com tamanho deslumbre e afeto, tal como fez, a não ser deixando-o retirar-se (uma vez que o jovem, em sua natureza genial, sente-se, tal como um imperecível, infinitamente ofendido por Agamémnon, jactante de seu posto), de modo que toda a perda dos gregos, a partir do dia em que se sente a falta de um único no exército, lembra a sua superioridade sobre a volumosa turba de nobres e servidores, e os raros momentos em que o poeta deixa-o aparecer diante de nós são tanto mais colocados sob a luz apenas através de sua ausência. Também esses são traçados com força surpreendente e o jovem entra em cena alternadamente, ora queixoso e vingativo, ora de uma comoção impronunciável, e então novamente terrível, em longa sucessão, até o fim, depois de seu sofrimento e de sua cólera serem elevados ao cume; após terrificante erupção a tempestade arrefece e o filho dos deuses, pouco antes de sua morte, a qual prevê, reconcilia-se com todos, até mesmo com o velho pai Príamo.

Essa última cena é celestial em função de tudo o que foi precedido.

## Über Achill (2)

Am meisten aber lieb' ich und bewundere den Dichter aller Dichter um des Achilles willen. Es ist einzig, mit welcher Liebe und welchem Geiste er diesen Charakter durchschaut und gehalten und gehoben hat. Nimm die alten Herrn Agamemnon und Ulysses und Nestor mit ihrer Weisheit und Thorheit, nimm den Lärmer Diomed, den blindtobenden Ajax, und halte sie gegen den genialischen, allgewaltigen,

melancholischzärtlichen Göttersohn, den Achill, gegen dieses enfant gaté der Natur, und wie der Dichter ihn, den Jüngling voll Löwenkraft und Geist und Anmuth, in die Mitte gestellt hat zwischen Altklugheit und Rohheit und du wirst ein Wunder der Kunst in Achilles Charakter finden. Im schönsten Kontraste stehet der Jüngling mit Hector, dem edeln treuen frommen Manne, der so ganz aus Pflicht und feinem Gewissen Held ist, da der andre alles aus reicher schöner Natur ist. Sie sind sich eben so entgegengesetzt, als sie verwandt sind, und eben dadurch wird es um so tragischer, wenn Achill am Ende als Todtfeind des Hector auftritt. Der freundliche Patroklos gesellt sich lieblich zu Achill und schickt sich so recht zu dem Trozigen.

Man siehet auch wohl, wie hoch Homer den Helden seines Herzens achtete. Man hat sich oft gewundert, warum Homer, der doch den Zorn des Achill besingen wolle, ihn fast gar nicht erscheinen lasse. Er wollte den Götterjüngling nicht profaniren in dem Getümmel vor Troja.

Der Idealische durfte nicht alltäglich erscheinen. Und er kont' ihn wirklich nicht herrlicher und zärtlicher besingen, als dadurch, daß er ihn zurücktreten läßt (weil sich der Jüngling in seiner genialischen Natur vom rangstolzen Agamemnon, als ein Unendlicher unendlich belaidiget fühlt) so daß jeder Verlust der Griechen, von dem Tag an wo man den Einzigen im Heere vermißt, an seine Überlegenheit über die ganze prächtige Menge der Herren und Diener mahnt, und die seltenen Momente, wo der Dichter ihn vor uns erscheinen läßt, durch seine Abwesenheit nur desto mehr ins Licht gesetzt werden. Diese sind dann auch mit wunderbarer Kraft gezeichnet und der Jüngling tritt wechselweise, klagend und rächend, unaussprechlich rührend, und dann wieder furchtbar so lange nacheinander auf, bis am Ende, nachdem sein Leiden und sein Grimm aufs höchste gestiegen sind, nach fürchterlichem Ausbruch das Gewitter austobt, und der Göttersohn, kurz vor seinem Tode, den er vorausweiß, sich mit allem, so gar mit dem alten Vater Priamus aussöhnt.

Diese letzte Scene ist himmlisch nach allem, was vorhergegangen war.

## **Uma palavra sobre a Ilíada**

Por vezes, como que em um embaraço, estamos em desacordo com nós mesmos acerca das prerrogativas de diferentes homens, tal como ocorre com as crianças quando perguntadas qual dentre os que lhe são próximos é o mais amado, uma vez que cada qual possui sua própria excelência, assim como sua própria carência. Um se nos recomenda à medida que satisfaz plenamente o domínio em que vive, no qual, em vista de uma maior delimitação, seu ânimo e seu entendimento se formaram, situando-se, assim, em maior conformidade à natureza humana. Nós o denominamos um homem natural, uma vez que ele e sua simples esfera são um todo harmonioso. Mas, por outro lado, em comparação com outros, falta-lhe energia e, assim, também sentimento e espírito profundos. Um outro nos interessa mais pela grandeza e firmeza, assim como pela perseverança de suas forças e convicções, pela sua coragem e disposição ao sacrifício de si; mas ele nos parece muito tenso, muito exigente, muito violento, muito unilateral em alguns casos, excessivamente em contradição com o mundo. Já um outro nos ganha através da elevada harmonia de suas forças interiores, através da plenitude, integridade e alma com que ele acolhe as impressões, através do significado – portanto, do objeto, do mundo que o envolve, tanto em sentido particular quanto total – que para ele tem, que para ele pode ter, e que também se encontra em suas expressões a respeito do objeto; e, dado que a insignificância nos fere acima de qualquer outra coisa, nos seria tanto bem-vinda a excelência que nos apanha, assim como o domínio em que vivemos, de modo verdadeiramente significativo, tão logo ele pudesse fazer com que seu modo de ver e de sentir nos fosse fácil o suficiente e totalmente compreensível. Mas nós não raramente somos tentados a pensar que ele, à medida que sente o espírito do todo, compreende tão pouco o particular à vista, que ele, enquanto outros não veem perante altas árvores a floresta, se esquece das árvores, que ele, em meio a todas as almas, seguramente não as entenderia, e, por conseguinte, seria também ininteligível aos outros.

É forçoso reiterarmos, portanto, que nenhum homem, na expressão de sua vida, pode ser simultaneamente tudo; que, para que se tenha uma existência e uma consciência no mundo, tem de se deixar determinar por algo; que a inclinação e as circunstâncias são a este de um modo e a aquele de outro modo, de acordo com a devida peculiaridade, e que essa peculiaridade, assim, viria certamente mais à luz que as

demais, de maneira que outras prerrogativas, das quais sentimos falta, justamente por isso não careceriam de todo em tal autenticidade do caráter, e situar-se-iam unicamente em segundo plano; que essas prerrogativas de que sentimos falta [...]

## Ein Wort über die Iliade

Man ist manchmal bei sich selber uneins über die Vorzüge verschiedener Menschen, und fast in einer Verlegenheit, wie die Kinder, wenn man sie fragt, wen sie am meisten lieben unter denen, die sie nahe angehn, jeder hat seine eigene Vortreflichkeit und dabei seinen eigenen Mangel; dieser empfiehlt sich uns dadurch, daß er das, worinn er lebt, vollkommen erfüllt, indem sich sein Gemüth und sein Verstand für eine beschränktere, aber der menschlichen Natur dennoch gemäße Lage gebildet haben; wir nennen ihn einen natürlichen Menschen, weil er und seine einfache Sphäre ein harmonisches Ganze sind, aber es scheint ihm dagegen verglichen mit andern an Energie und dann auch wieder an tiefem Gefühl und Geist zu mangeln; ein anderer interessirt uns mehr durch Größe und Stärke und Beharrlichkeit seiner Kräfte und Gesinnungen, durch Muth und Aufopferungsgaabe, aber er dünkt uns zu gespannt, zu ungenügsam, zu gewaltsam, zu einseitig in manchen Fällen, zu sehr im Widerspruche mit der Welt; wieder ein anderer gewinnt uns durch die größere Harmonie seiner inneren Kräfte, durch die Vollständigkeit und Integrität und Seele, womit er die Eindrücke aufnimmt, durch die Bedeutung, die ebendeswegen ein Gegenstand, die Welt, die ihn umgiebt, im Einzelnen und Ganzen für ihn hat, für ihn haben kan, und die dann auch in seinen Äußerungen über den Gegenstand sich findet, und wie die Unbedeutenheit uns mehr als alles andere schmerzt, so wäre uns auch der vorzüglich willkommen, der uns und das, worinn wir leben, wahrhaft bedeutend nimmt, so bald er seine Art zu sehen und zu fühlen uns nur leicht genug und gänzlich faßlich machen könnte, aber wir sind nicht selten versucht, zu denken, daß er, indem er den Geist des Ganzen fühle, das Einzelne zu wenig ins Auge fasse, daß er, wenn andere vor lauter Bäumen den Wald nicht sehn, über dem Walde die Bäume vergesse, daß er bei aller Seele, ziemlich unverständlich, und deßwegen auch für andere unverständlich sei.

Wir sagen uns dann auch wieder, daß kein Mensch in seinem äußern Leben alles zugleich seyn könne, daß man, um ein Daseyn und Bewußtseyn in der Welt zu haben, sich für irgend etwas determiniren müsse, daß Neigung und Umstände den einen zu dieser, den andern zu einer andern Eigentümlichkeit bestimme, daß diese Eigentümlichkeit dann freilich am meisten zum Vorschein komme, daß aber andere Vorzüge, die wir vermissen, deßwegen nicht ganz fehlen bei einem ächten Charakter, und nur mehr im Hintergrunde liegen, daß diese vermißten Vorzüge [...]